

O mês de abril foi marcado pela divulgação de dois importantes indicadores da economia brasileira: o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), e o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

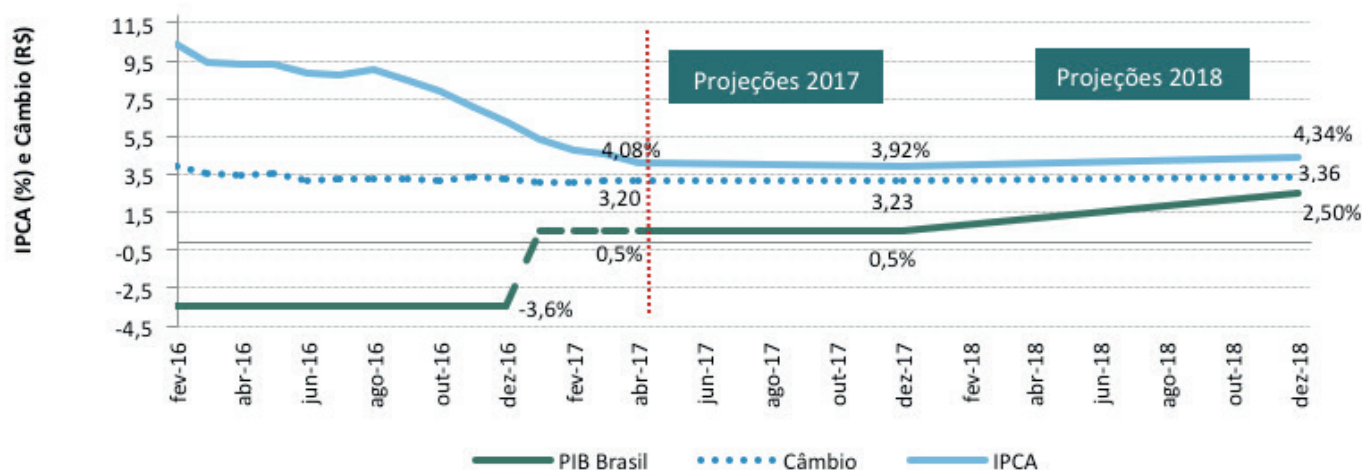
A abertura líquida de 59.856 postos de trabalho em Abril/2017 surpreendeu positivamente o mercado. Primeiro resultado positivo, em três anos, para o mês de abril, representa um acréscimo de +0,16% em relação ao estoque Março/2017. No acumulado do ano (1º quadrimestre) há praticamente uma estabilidade no estoque de empregos com fechamento líquido de 933 vagas. Mas esse resultado global reflete dinâmicas bastante distintas entre os setores: fechamento líquido de vagas no Comércio (-113.139), Construção Civil (-22.538) e no Extrativo Mineral (-801). Já os setores de Serviços (+55.703), Indústria de Transformação (+32.453), Agricultura (+29.131), Administração Pública (+16.227) e Serviços Industriais de Utilidade Pública (+2.031) apresentaram criação líquida de vagas no mesmo período.

A inflação medida pelo IPCA (IBGE) desacelerou em abr/2017 para 0,14%, frente à variação de 0,25% no mês anterior e de 0,61% em abr/2016. No acumulado do ano, o IPCA apresenta alta de 1,10%. Nos últimos 12 meses a alta foi de 4,08%, bem abaixo dos 4,57% nos 12 meses encerrados no mês anterior revelando o aprofundamento do processo de desinflação (queda da inflação) ainda em curso na economia brasileira. Esse resultado acumulado de 12 meses é o menor desde julho de 2017 quando alcançou 3,74%. É a primeira vez desde agosto de 2010 (4,49%) que o IPCA 12 meses fica abaixo do centro da meta de inflação, que é de 4,50%. Com peso de ¼ no índice global, o grupo de alimentação e bebidas apresentou inflação mensal (0,58%) maior que em março (0,34%) puxada pelas altas do tomate (29,02%), batata inglesa (20,81%) e do morango (16,22%). As maiores quedas de preço nesse grupo foram do inhame (-15,38%), feijão preto (-8,29%) e do coentro (-8,02%). Ainda assim, como reflexo da super safra no campo, a inflação do subgrupo “alimentação no domicílio” – que subiu apenas 2,54% nos 12 meses encerrados em abril - tem contribuído para a redução dos índices globais de inflação.

Esse comportamento dos preços reforçava as apostas de um corte maior de juros (1,25% a despeito de 1%) na próxima reunião do COPOM em 30 e 31 desse mês. Contudo, a imersão do Brasil em nova crise política desde a delação da JBS adiciona ao país um novo e amplo conjunto de incertezas político, econômicas, institucionais e sociais.

O Boletim Focus divulgado hoje, 22 de Maio/2017, sugere que os agentes de mercado aguardam o posicionamento do STF – previsto para o dia 24/05 – quanto à continuidade do inquérito aberto contra o Presidente Michel Temer, para então adequarem as projeções econômico/financeiras relativas a 2017 e 2018. A leitura quanto à viabilidade de continuação das Reformas - mesmo com eventual, e cada vez mais provável mudança na Presidência – é essencial para o redimensionamento acerca das projeções econômicas. Por hora, de concreto, apenas a volta da instabilidade cambial com mudança de patamar do Dólar, negociado agora na faixa de R\$3,30.

Figura 1– Crescimento do Produto, Inflação e Taxa de Câmbio



Atividade Econômica (Abril/2017)

Encerrado o primeiro quadrimestre de 2017 os sinais de retomada da atividade econômica são pouco conclusivos.

Por um lado, os dados do CAGED de fevereiro e abril trouxeram alguma esperança quanto à retomada da geração de postos de trabalho. No acumulado de jan-abril/2017 o mercado de trabalho revelou-se praticamente estável, com perda de apenas 933 vagas.

Por outro, as projeções de mercado apontam crescimento de apenas 0,5% em 2017 puxado por uma retomada mais consistente da economia apenas no último trimestre, mas com impacto maior no resultado de 2018 quando a economia deve crescer na faixa de 2,5%.

O aprofundamento do processo de desinflação, juntamente com a estabilidade cambial fortaleciam – pelo menos até a nova crise política associada à delação da JBS - apostas de um corte ainda maior da SELIC (1,25%) na próxima reunião do COPOM, em 30 e 31 de Maio.

As projeções para a SELIC em dez/2017 variam entre 8,5% e 9% a.a., patamar projetado também para dez/2018.

Expectativas Macroeconômicas	2017	2018
PIB (% ao ano)	0,50	2,50
Taxa de câmbio – média do período (R\$/US\$)	3,23	3,36
Taxa SELIC – fim do período (% ao ano)	8,50	8,50
IPCA (% ao ano)	3,92	4,34
Dívida líquida do setor público (% do PIB)	51,50	55,20
Produção industrial (% crescimento)	1,30	2,50
Saldo em conta corrente (US\$ bilhões)	-24,66	-37,80
Investimento estrangeiro direto (US\$ bilhões)	79,50	78,75
Balança comercial (US\$ bilhões)	56,00	42,97

Fonte: Relatório Focus (19/05/2017).

Câmbio (Abril/2017)

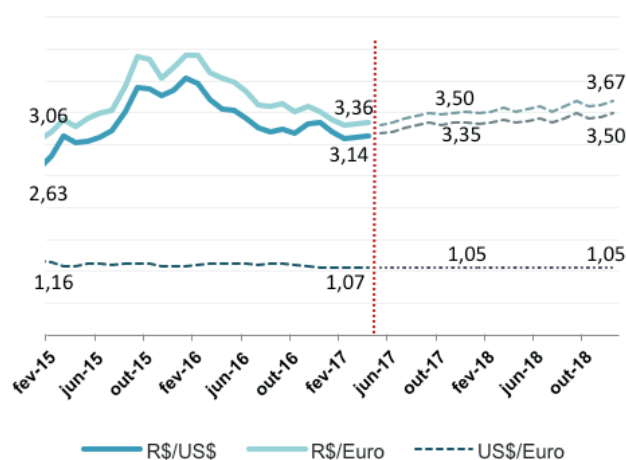
O primeiro quadrimestre de 2017 caracterizou-se por relativa estabilidade cambial com valorização de 6,45% da taxa média, de R\$3,35 (dez/2016) para R\$3,14 (abr/2017).

Na comparação com o mesmo mês do ano passado (abril/2016) a apreciação do Real frente ao Dólar foi de 12% na cotação média do câmbio (de R\$3,57 para R\$3,14); a do Real frente ao Euro foi de 16,9% (de R\$4,04 para R\$3,36); e a do Dólar frente ao Euro foi bem mais modesta, apenas 5,64%, partindo de US\$1,13 para US\$1,07.

Na comparação com o mês anterior, o Real ganhou 0,2% de valor em relação ao Dólar e 0,6% em relação ao Euro. Já a cotação Dólar/Euro ficou estável a US\$1,07 por Euro.

As projeções apontam que as cotações médias do Dólar e do Euro devem encerrar 2017, respectivamente a R\$3,35 e a R\$3,51. Já a projeção para a cotação média dólar-euro é de US\$ 1,05.

Figura 2: Taxa Média Mensal de Câmbio



Fonte: Banco Central do Brasil e LCA Consultores (18/05/2017).

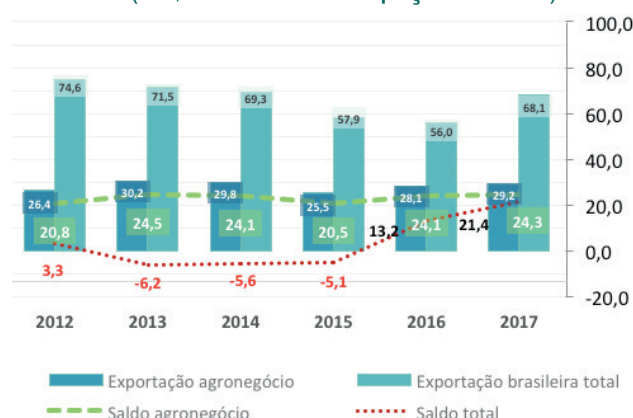
*A partir de maio de 2017 dados projetados pela LCA Consultores.

Balança Comercial (Abril/2017)

O primeiro quadrimestre de 2017 começou com a balança comercial brasileira apresentando um superávit de US\$ 21,4 bilhões. Esse superávit externo brasileiro, significativamente maior que o observado no primeiro quadrimestre de 2016 (US\$13,2 bi), é resultado do superávit comercial do agronegócio que alcançou US\$24,3 bilhões em 2017 e sobrepôs-se ao déficit comercial de US\$2,9 bilhões dos demais setores da economia brasileira.

Os principais destinos, no primeiro quadrimestre de 2017, das exportações do agronegócio brasileiro foram: China (32%), União Europeia (17%), Estados Unidos (7%), Arábia Saudita (3%) e Irã (3%). As exportações para os demais países representaram 38%.

Figura 3: Balança comercial brasileira – 1º quadrimestre de cada ano (US\$ bilhões e Participação no Total)

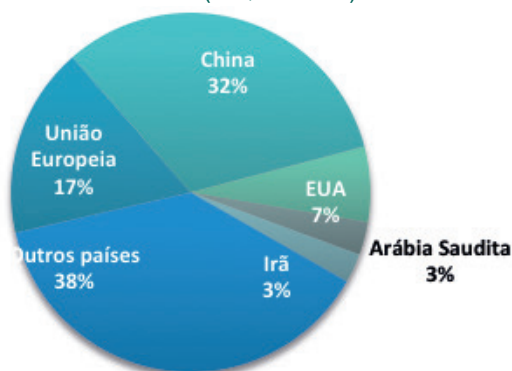


Fonte: Aliceweb (MDIC) Agrostat (MAPA).

Já na segmentação por produtos os mais importantes foram: Complexo de Soja (39%), Carnes (16%), Açúcar de cana (12%), Produtos Florestais (12%) e Café (6%). Os de-

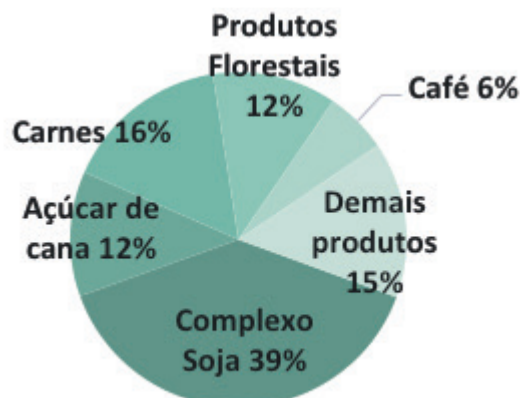
mais produtos corresponderam a 15% do total de receitas com exportações de produtos do agronegócio, no primeiro quadrimestre de 2017.

Figura 4: Principais destinos das exportações do agronegócio brasileiro no 1º quadrimestre de 2017 (US\$ bilhões)



Fonte: Agrostat (MAPA).

Figura 5: Principais produtos do agronegócio brasileiro exportados no 1º quadrimestre de 2017 (US\$ bilhões)



Fonte: Agrostat (MAPA)

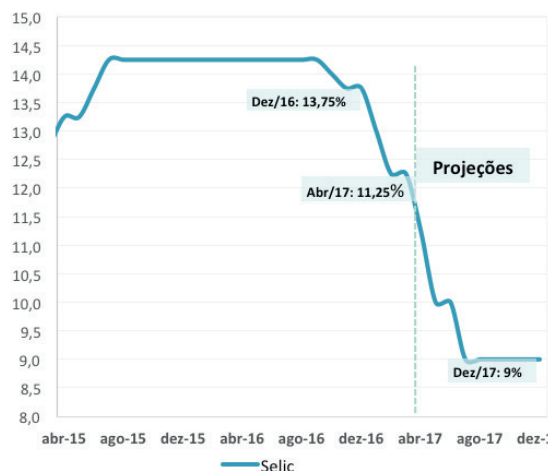
Juros (Maio/2017)

O corte de 1p.p na taxa SELIC na reunião do COPOM encerrada em 12/04/2017 imprimiu nova aceleração na flexibilização monetária em curso desde outubro de 2016 levando a meta da SELIC para 11,25% a.a.

O atual quadro - inflação em queda acentuada e progressiva associada à estabilidade cambial e, principalmente, sucessivos retardos na retomada da atividade econômica - respaldava perspectivas de mercado quanto à nova redução de ao menos 1p.p da Taxa SELIC na reunião do COPOM a ser realizada dias 30 e 31/05/2017. A nova crise política associada à delação da JBS tende a se refletir ao menos em atenuação, se não reversão, dessa tendência.

As projeções mostram redução contínua da taxa básica de juros alcançando 10% no 1º semestre de 2017, e 9% no final do ano.

Figura 6: Taxa de Juros no Brasil



Fonte: Banco Central do Brasil; LCA Consultores.

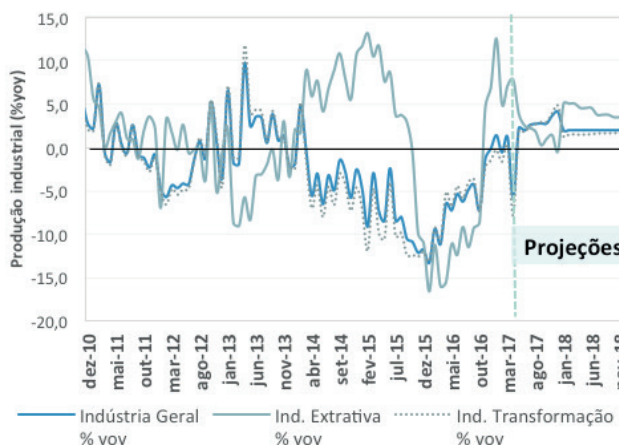
*A partir de maio de 2017 os dados são projeções calculadas pela LCA Consultores em 18/05/2017.

Produção Industrial (Março/2017)

Segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM-IBGE), o desempenho da produção industrial tem apresentado relativa melhora em 2017. É a primeira vez, desde fev/2014, que os resultados dos 3 segmentos industriais encerram o mês em terreno positivo. Além disso, o desempenho dos 3 segmentos foi melhor que do mês anterior, no comparativo ano a ano.

Embora os resultados da indústria geral tenham sido bastante modestos, e o da indústria de transformação ainda negativo no acumulado do 1º trimestre de 2017, o desempenho global da indústria foi no 1º trimestre de 2017 nitidamente melhor que no mesmo período de 2016. Destaque para a indústria extrativa cujos resultados apontam crescimento consistente desde novembro/2016.

Figura 7: Produção Industrial no Brasil



Fonte: LCA Consultores.

*Os dados a partir de abril de 2017 são projeções da LCA Consultores (18/05/2017).

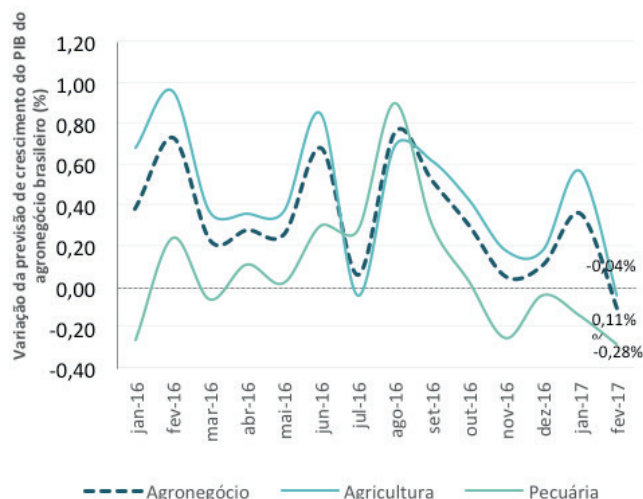
A LCA Consultores aponta que a indústria geral tenha voltado a crescer em março (1,1%) e que tal crescimento atinja o pico de crescimento em dezembro de 2017 (4%). Embora os para a indústria de transformação sejam de crescimento de 0,2% em março/2017, projeta-se uma forte retração de -7,8% em abril e crescimento positivo a partir de então até um pico de 4,8% em dezembro desse ano. Já a indústria extrativa vem, desde novembro de 2016 apresentando resultados positivos, o que interrompeu uma sequência de 13 resultados mensais de desempenho negativo. Em março o crescimento da indústria extrativa foi de 7,1%.

Produto Interno Bruto do Agronegócio (Fevereiro/ 2017)

O PIB do agronegócio calculado com dados de fevereiro/2017 apontou crescimento de 1,5% até o final do ano. Esse desempenho global do agronegócio está associado a um desempenho bastante desigual em termos dos setores que o compõe. Enquanto o setor primário, ou básico, aponta um crescimento de 16,2% no ano, o setor agroindustrial deve encolher -7,8% no mesmo período. Para o setor de Agro serviços estima-se uma retração de -1,3% enquanto para o setor de insumos, +0,4% também ao longo de todo o ano de 2017. Entre os ramos espera-se para o ano um crescimento de 3,2% para o agrícola e queda de 2,5% para o pecuário.

Esse resultado é 2,9 p.p. inferior ao valor da previsão de janeiro/17, influenciado principalmente pela revisão da projeção para a indústria (-3,7 p.p.) e insumos (-3,2 p.p.). Para a indústria, a reavaliação das expectativas deve-se principalmente à indústria agrícola, com previsão de menor produção, com relação aos dados avaliados em janeiro/17, para as indústrias do açúcar, papel e celulose, madeira e móveis e têxtil. Já para a indústria de insumos, destaca-se as expectativas mais baixas com relação à produção nas indústrias de fertilizantes e defensivos.

Figura 8: Produto Interno Bruto (PIB) do Agronegócio no Brasil



Fonte: CNA; Cepea/USP (19/05/2017).

Índice de Confiança do Agronegócio (4º trimestre de 2016)

O Índice de Confiança do Agronegócio chegou a 104,4 no quarto trimestre de 2016, queda de 1,9 pontos em relação ao trimestre anterior, e alta de 20,1 pontos na comparação com o mesmo período de 2015. Apesar dessa queda relativa no último trimestre, o resultado acima de 100 pontos demonstra que permanece, segundo a OCB e FIESP, o otimismo evidenciado pelo mercado ao longo de 2016.

O atual patamar do índice de confiança é idêntico ao patamar que encerrou o ano de 2013 e, portanto, antes do pessimismo atingir o setor do agronegócio. 🌱

Período	Índice de confiança do agronegócio	Antes da porteira	Produtor Agropecuário	Depois da porteira
2016/4	104,4	108,8	102,5	104,6
2016/3	106,3	108,2	108,2	103,4
2016/2	102,1	101,8	103,5	100,7
2016/1	82,6	73,3	91,9	77
2015/4	84,3	67,8	88,4	87,1
2015/3	82,4	73,3	85,9	82,7
2015/2	82,8	66,0	86,6	85,8
2015/1	85,5	73,6	87,7	88,1
2014/4	93,5	88,6	97,5	91,6
2014/3	89,3	78,7	93,3	89,7
2014/2	91,8	94,1	93,7	88,9
2014/1	102,7	101,9	97,1	108,7
2013/4	104,4	109,8	97,4	109,3

SUPERINTENDÊNCIA TÉCNICA

Bruno Barcelos Lucchi - Superintendente Técnico

NÚCLEO ECONÔMICO:

Renato Conchon - Coordenador

Fernanda Schwantes - Assessora Técnica

Paulo André Camuri - Assessor Técnico

Rafael Alberton - Assessor Técnico

Boletim Macroeconômico é elaborado pelo Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA.

Reprodução permitida desde que citada a fonte



Compromisso com o Brasil

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL

SGAN - Quadra 601 - Módulo K CEP: 70.830-021 Brasília/DF
(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br